

DIÁLOGOS ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E FRANCISCO CURT LANGE: NACIONALISMO E AMERICANISMO MUSICAIS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

DIALOGUES BETWEEN MÁRIO DE ANDRADE AND FRANCISCO CURT LANGE: MUSICAL NATIONALISM AND AMERICANISM IN THE 1930S AND 1940S

Fernanda Nunes Moya

<fernandanunesmoya@yahoo.com.br>

Doutora em História e Sociedade, Universidade Estadual Paulista

campus de Assis, UNESP ASSIS

<http://lattes.cnpq.br/9794204869162991>

RESUMO

Este trabalho debate tanto a busca pela nacionalização da música a partir de elementos folclóricos da cultura brasileira empreendida por Mário de Andrade, quanto o "Americanismo Musical" do alemão naturalizado uruguaio Franz Kurt Lange/Francisco Curt Lange que pregava uma integração cultural do continente a partir desta arte. Ambos os intelectuais lançam mão de uma extensa bibliografia e documentação onde propunham seus ideais musicais que tinham como uma das principais finalidades a emancipação cultural do brasileiro frente à Europa, para Mário, e a emancipação do cidadão americano, segundo Lange. Para tanto, os dois ocuparão cadeiras administrativas na área cultural e realizarão várias ações que convergem às suas propostas.

PALAVRAS-CHAVE: Mário de Andrade; Nacionalismo Musical; Francisco Curt Lange; Americanismo Musical; Folclore.

ABSTRACT

This work aims to discuss both the quest for nationalization of music from folk elements of Brazilian culture undertaken by Mário de Andrade, as well as the "musical Americanism" of the Uruguayan German-born Franz Kurt Lange / Francisco Curt Lange who preached a cultural integration of the continent by means of this form of art. Both intellectuals produced an extensive bibliography and documentation which proposed their musical ideals which had as one of the main purposes the cultural emancipation of Brazilians, according to Mario, and of the American citizen, according to Lange. To do so, both assumed administrative positions in the cultural area and carried out various actions which converged toward their proposals.

KEYWORDS: Mário de Andrade; Musical Nationalism; Francisco Curt Lange; Musical Americanism; Folklore.



Este trabalho¹, por sua vez, teve origem em minha dissertação de mestrado, defendida em 2010, intitulada *A Discoteca Pública Municipal de São Paulo: um projeto modernista para a música nacional*.² Trata-se de uma investigação acerca do contexto e, principalmente, das motivações que corroboraram para a fundação, dentro do Departamento de Cultura de São Paulo

¹ Este relato de pesquisa apresenta-se como uma resenha de minha tese de doutorado *Diálogos entre Mário de Andrade e Francisco Curt Lange: nacionalismo e americanismo musicais nas décadas de 1930 e 1940*.

² Publicada em 2011 pelo Selo Cultura Acadêmica da Editora UNESP.

em 1935, de uma Discoteca – que, muito mais que um acervo das “coisas” de música (discos, instrumentos folclóricos, partituras etc.), revelou-se um verdadeiro *laboratório de brasilidade*³ ou, ainda, um lugar para o “direito permanente à pesquisa estética”,⁴ pois sua fundação tentou viabilizar a execução do projeto modernista no âmbito da música.

Além de analisar a crítica musical de Mário de Andrade como um pilar importante na organização da Discoteca, a dissertação mencionada apontou o papel desempenhado por essa instituição e pelo Departamento de Cultura de São Paulo no cenário cultural paulista a partir da entrada de intelectuais no aparato do Estado para a execução de “programas” que visavam à nacionalização das artes.

Após aceitar a cadeira de diretor de cultura do município de São Paulo, Mário “convocou” colegas modernistas para assumir cargos no recém-criado departamento. Segundo Paulo Duarte,⁵ em *Mário de Andrade, por ele mesmo*, o Departamento de Cultura de São Paulo amadureceu na sua cabeça e nas cabeças de Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes, entre outros, anos antes da sua fundação. Duarte lembra os encontros nos quais esse grupo idealizava uma “organização brasileira de estudos de coisas brasileiras e de sonhos brasileiros” (DUARTE, 1971, p. 53).

Inicialmente, o nacionalismo artístico, proposto por Mário e seus colegas modernistas, ia ao encontro da busca de uma identidade nacional promovida também por outros intelectuais paulistas que queriam tornar São Paulo um centro cultural hegemônico que faria frente à hegemonia política carioca. Assim, as pesquisas acerca das tradições folclóricas brasileiras foram bem recebidas e financiadas pelos dirigentes políticos paulistanos.⁶

³ Expressão criada por Antônio Gilberto Ramos Nogueira para referir-se à Discoteca na obra *Por um inventário dos sentidos: Mário de Andrade e a concepção de patrimônio e inventário*. (2005)

⁴ Tal como apontou José Chasin no “Manifesto editorial” da obra organizada por Carlos Eduardo Berriel: *Mário de Andrade, hoje*. (1990)

⁵ Chefe de gabinete do prefeito Fábio Prado entre 1934 e 1938, responsável pela indicação de Mário para o Departamento.

⁶ Carlos Sandroni aponta que as principais cadeiras do Departamento de Cultura eram ocupadas “por figuras cujo a vida pública se iniciou na famosa Semana de 1922”. Na década seguinte, já não eram vistos como os “escandalosos poetas” e “loucos” do Teatro Municipal, pois aos poucos, suas reivindicações e postulados foram aceitos. Ver: SANDRONI, Carlos. *Mário de Andrade contra Macunaíma*. SP: Vértice; RJ: IUPERJ, 1988, p.70.

O prefeito à época, Fábio da Silva Prado, em seus discursos, afirmava que a “civilização paulista” sustentaria a formação de uma “civilização nacional” (PRADO, 1971).⁷ Caberia aos intelectuais de São Paulo empreender as pesquisas necessárias buscando as bases para a formulação de uma cultura nacional. Tal proposta fundamentou os trabalhos do Departamento de Cultura, pois Mário de Andrade endossou, sempre que pôde, essa missão: “O Departamento de Cultura cresce e quer crescer, esculpido na forma do Brasil. [...] A grande cidade, até hoje indesejada em seus tão diferentes destinos, está por fim consciente da sua maravilhosa predestinação” (ANDRADE, 1936, pp. 272-274).

Dentro desse contexto, podemos considerar a fundação da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, instituição pertencente ao Departamento de Cultura que apoiava as pesquisas etnográficas e trabalhava na “educação dos ouvidos” dos consulentes do seu acervo, uma tentativa de institucionalização do nacionalismo musical defendido por Mário de Andrade, nas suas obras. Em linhas gerais, seus propósitos musicais nacionalistas defendiam a junção da música folclórica de diversas regiões do Brasil com a música erudita para a criação de uma música que, após todas as etapas de seu desenvolvimento, tornar-se-ia esteticamente livre deixando de ser nacionalista e tornando-se apenas nacional.

Movimentos nesse sentido já estavam ocorrendo em outros lugares do mundo. A “criação” de movimentos nacionalistas na música – que utilizavam as tradições folclóricas como fonte de inspiração – e a fundação de diversas organizações estatais musicais e institutos similares à Discoteca de São Paulo estavam surgindo, principalmente, na Europa Central desde as últimas décadas do século XIX.

Béla Bartók é um grande exemplo entre os compositores que trabalharam temas populares em prol do nacionalismo musical. O húngaro empreendeu grandes pesquisas musicológicas e assim utilizou as tradições populares para imprimir características nacionais à música de seu país (TRAVASSOS, 1997, p. 07).

⁷ O prefeito evocou a “missão civilizatória de São Paulo” também em outros discursos. Ver: Discurso do sr. prefeito de São Paulo, junto do monumento da fundação da cidade. *Revista do Arquivo Municipal. (São Paulo: Departamento de Cultura)*, v. XIV, 1936; Palavras do dr. Fábio Prado no microfone da Rádio São Paulo. *Revista do Arquivo Municipal. (São Paulo: Departamento de Cultura)*, v. XIX, 1936.

Elizabeth Travassos, na sua obra que trata dos trabalhos etnográficos e musicais de Mário de Andrade e Béla Bartók, afirma que já no final do século XVIII havia trabalhos de coleta de poesia e música popular na Europa. O colecionamento de peças da tradição oral servia tanto ao resgate da história musical e cultural de um passado (ou lugar) remoto quanto como inspiração para artistas do presente. Essas tradições populares resgatadas passariam a balizar os trabalhos etnográficos e o ideário estético de pesquisadores, musicólogos e compositores. Pouco tempo demorou para que o trabalho de coleta, análise e “apropriação” do folclore pela música e demais artes, crescesse dentro e fora da Europa.

No Brasil, sete anos antes da fundação da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, na sua coluna *Arte* no jornal *Diário Nacional*, Mário de Andrade dava notícias de uma recém-fundada “Discoteca de Estado”, criada pelo Conselho de Ministros da Itália que tinha “como função principal registrar todas as canções populares regionais e tradicionais italianas que, abandonadas na voz do povo, vão sendo esquecidas e substituídas por outras” (ANDRADE apud TONI, 2004, p. 263).

No mesmo ano, em 1928, ocorreu em Praga, antiga Tchecoslováquia e atual República Tcheca, o Congresso Internacional das Artes Populares, sob patrocínio do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, que recomendara aos diversos governos proceder ao registro fonográfico das melodias populares de seus países. O pedido desse congresso foi apontado por Paulo Duarte, em discurso à Assembleia Legislativa de São Paulo, como fator decisivo para justificar o financiamento municipal de uma expedição que recolheria material tradicional e folclórico no norte e nordeste do Brasil:

A maioria dos cantos e melodias populares estão prestes a desaparecer. Sua conservação é de uma grande importância para a ciência e para a Arte. O Congresso recomendou o seu registro fonográfico no mais curto prazo possível. As notações, por mais perfeitas que sejam, não substituirão o registro fonográfico. [...] a Discoteca (de São Paulo) principiará ainda no corrente ano uma viagem de cinco meses ao Nordeste, a zona musical mais importante do país, a fim de colher material para seu fim etnográfico (DUARTE, 1937, pp. 235-254).

Luís Saia, chefe da expedição organizada em 1938 que recebeu o nome de *Missão de Pesquisas Folclóricas* e porta-voz autorizado do Departamento de Cultura, em entrevista de divulgação desta viagem concedida ao *Diário Carioca*, também apontou a motivação que levou à organização de tal empreitada:

O objetivo principal da Missão é a pesquisa do folclore musical. Para esse fim a Missão está devidamente equipada. Dispomos de um aparelho de gravação dos mais aperfeiçoados e modernos, e de uma máquina cinematográfica para a filmagem de danças etc. Contudo, o nosso campo de ação não se restringe ao folclore musical. Estende-se, também, a colheita de material relativo a costumes, arquitetura, enfim, a todas as modalidades da técnica popular. [...] Vamos trabalhar intensamente, certos de que estamos servindo à causa da cultura nacional (SAIA, 1938).⁸

Os folcloristas da *Missão* foram orientados pela etnógrafa francesa, recém-chegada ao Brasil, Dina Levi-Strauss a registrar as diversas manifestações da cultura popular no norte e nordeste nos mais variados formatos – áudio, vídeo, material fotográfico e escrito e coleta de objetos. Essa expedição veio ao encontro das outras iniciativas do Departamento de Cultura que também visavam a recolha e análise de materiais folclórico e fonético que possibilitaram tornar a Discoteca um grande arquivo “multimeios”⁹ que auxiliaria os estudos dos compositores e músicos brasileiros. Além disso, “com a conjugação de diversas formas de registro, a instituição daria conta de salvaguardar a ‘brasilidade’ e a ‘vivacidade’ das manifestações populares” (MOYA, 2011, p. 144).

Nesse sentido, tanto o Departamento de Cultura, quanto a Discoteca Municipal, segundo Carlos Sandroni,

[...] daria alicerces à vida cultural em nosso país, estudando analiticamente a diversidade nacional, dando instrumentos técnicos aos jovens intelectuais antes de confiar na autossuficiência de seu talento e incorporando o Brasil no fluxo da civilização contemporânea (SANDRONI, 1988, p. 16).

O Departamento de Cultura e a Discoteca Pública Municipal de São Paulo ainda, ao ver de Florestan Fernandes, consolidaram a ciência e os estudos folclóricos no Brasil (FERNANDES, 2003, pp. 93-95), o que possibilitou a elevação da cultura popular a patrimônio. A Discoteca, em particular, tornou-se centro de referência, nacional e internacional, de pesquisa folclórica, etnográfica e musical.

⁸ Álvaro Carlini aponta que esta entrevista não foi realizada pessoalmente. Luis Saia forneceu informações a Antônio Bento de Araújo Lima que, por sua vez, tratou de redigi-los para o jornal. Ver: CARLINI, Álvaro. *Cachimbo e Maracá: o Catimbó da Missão*. SP: CCSP, 1993, p.29.

⁹ Das principais iniciativas podemos citar, além da Missão de Pesquisas Folclóricas, o laboratório de fonética da Discoteca, o I Congresso da Língua Nacional Cantada (1937), os estudos do compositor Camargo Guarnieri na Bahia e a fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore.

No entanto, cabe ressaltar que na América Latina o Departamento de Cultura de São Paulo bem como a Discoteca Municipal não foram iniciativas isoladas que ecoaram os mesmos anseios dos pesquisadores europeus que, outrora, reuniam-se buscando soluções para o desaparecimento das manifestações musicais tradicionais de seus respectivos países. A criação da Discoteca Pública Municipal de São Paulo foi assessorada pelo pesquisador alemão naturalizado uruguaio Francisco Curt Lange, que organizou instituições públicas para a pesquisa e ensino de música em Montevideú. Este manteve contato frequente com a direção da Discoteca paulista, exercida por Oneyda Alvarenga. Ex-aluna de Mário de Andrade no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, ao tornar-se diretora da Discoteca, Oneyda passou a colaborar com Curt Lange enviando-lhe artigos a serem publicados no seu *Boletín Latino-Americano de Música*. Esta revista, criada pelo pesquisador teuto-uruguaio em 1935 e editada até 1946, era um veículo de divulgação no continente do seu Americanismo Musical e também era incentivadora da musicologia americana, pois publicava trabalhos de pesquisadores de diversos países.

Retomando, Flávia Camargo Toni aponta que a forma de se acondicionar e organizar os discos na Discoteca de São Paulo provavelmente seguiu o padrão da Discoteca criada por Francisco Curt Lange, no Uruguai. Toni descreve a substituição das capas dos discos da coleção particular do autor de *Macunaíma* e também da Discoteca por capas de cartolina lisa que recebiam numeração e diversas anotações referentes ao disco que nela seria acondicionado (TONI, 2004, p. 17). Lange ainda ajudou a organizar outras discotecas no Brasil: em Belo Horizonte, onde empreendeu pesquisas sobre a música barroca, e em Recife. Também manteve contato com a Biblioteca de Washington, nos Estados Unidos, que organizava um acervo de músicas folclóricas do continente americano.

Francisco Curt Lange estabeleceu-se definitivamente em Montevideú em 1930. Tornou-se funcionário do governo uruguaio, sendo nomeado diretor do *Servicio Oficial de Difusión Radio Eléctra* (SODRE). Nesta oportunidade, organizou a Discoteca Nacional de Montevideú que daria suporte à programação musical da emissora de rádio do SODRE. Em pouco tempo, passaria a divulgar o seu projeto de Americanismo Musical, que visava promover a integração e emancipação do continente americano a partir da música, principalmente nas páginas do seu já citado *Boletín*.

Lange iniciou contato com Mário de Andrade em uma carta enviada ao paulista em 20 de novembro de 1932. Nela, o pesquisador teuto-uruguaio se apresentou ao modernista brasileiro

e justificou-se dizendo que tinha acabado de ler a sua obra *Ensaio sobre música brasileira* – na qual Mário esboçou seu nacionalismo musical. Lange também solicitou ao paulista outras referências sobre a produção de conhecimento musical no Brasil, informações sobre músicos, obras etc. E a partir desses novos contatos, feitos inicialmente com a intermediação do autor de *Pauliceia desvairada*, o pesquisador teuto-uruguaio fez-se conhecer no nosso país. Os dois musicólogos trocaram um total de setenta e nove cartas entre os anos de 1932 e 1944.

Após apresentar de que forma o tema dessa pesquisa delineou-se, descreverei, em linhas gerais, como foi organizada minha tese de doutorado. Entre os objetivos estão caracterizar tanto o nacionalismo quanto o americanismo musicais, conforme seu delineamento em práticas escritas (epistolar, críticas, artigos, obras “planfetárias”); entender como se deu a transposição dos dois projetos musicais para o âmbito das práticas cotidianas e das relações de poder, bem como quais e como foram as estratégias que Mário de Andrade e Francisco Curt Lange utilizaram para a legitimação dos seus propósitos e, finalmente, apontar a ressonância deles no cenário musical brasileiro nas décadas de 1930 e 1940, período de grande efervescência cultural no nosso continente, marcado pela necessidade dos intelectuais de se posicionarem esteticamente.

Assim, no primeiro capítulo apresentei Mário de Andrade e o seu nacionalismo musical assim como, em seguida, fiz com o pesquisador teuto-uruguaio Francisco Curt Lange e o projeto que ele intitulou como “Americanismo Musical”. Inicialmente ressaltai dados biográficos relacionados aos seus propósitos e, em seguida, aponte aspectos importantes das suas teorias musicais. Quase como um preâmbulo deste trabalho, coube ao primeiro capítulo trazer a dimensão da atuação dos dois personagens temas da tese, ressaltando como suas práticas condiziam com a leitura que faziam da sociedade brasileira, no caso de Mário, e da sociedade americana, no caso de Lange. A produção artística, principalmente a musical, estava relacionada, para ambos, com a formação social, “espiritual” e ideológica de um povo – visto que era uma representação político-cultural deste.

No segundo capítulo, por sua vez, descrevi como se deu a institucionalização dos propósitos musicais de Mário de Andrade e Francisco Curt Lange. Sabendo que as décadas de 1920, 1930 e 1940 formam um período marcado pela organização dos saberes nos países latino-americanos, aponte como se deu a entrada dessas duas figuras no aparato público e de qual forma conduziram a rotinização do nacionalismo e do americanismo musicais. No Brasil, Mário

tornou-se diretor do Departamento de Cultura do município de São Paulo com o respaldo dos intelectuais ligados ao Partido Democrático – que à época era situação na capital paulista – e que compartilhavam dos mesmos ideais culturais do autor modernista. Em sua passagem pela diretoria de cultura paulistana, projetos visando às manifestações artísticas populares e à divulgação destas ganharam vida na cidade e visibilidade nacional e internacional; o principal deles foi a Discoteca Pública Municipal (inspirada em instituições similares europeias e também na instituição fundada no Uruguai por Lange) que logo estaria a serviço da sua nacionalização da música. Francisco Curt Lange, por sua vez, após tornar-se funcionário do governo uruguaio e receber a direção do *Servicio Oficial de Difusión Radio Electra* (SODRE), organizou a já mencionada primeira discoteca latino-americana. Depois de empreender pesquisas referentes ao cenário musical dos diversos países do nosso continente e formular o seu Americanismo Musical, o alemão naturalizado uruguaio fundou organismos variados para divulgá-lo; entre os principais estavam o *Boletín Latino Americano de Música* (BLAM) – periódico que promovia a divulgação da produção musicológica americana enquanto propalava os propósitos musicais de Curt Lange – e o *Instituto Interamericano de Musicología*, que visava organizar a vida musical continental apoiando congressos, concertos musicais, publicações musicológicas, estudos de campo, etc.

No terceiro capítulo, ressaltei a criação do grupo *Música Viva*, por Hans Joachin Koellreutter, no Brasil e sua recepção dentro de um contexto de dissidências entre o Americanismo e o nacionalismo musicais. Enquanto Francisco Curt Lange aproximou-se do movimento por meio do Instituto Interamericano de Musicología, responsável pela publicação de alguns números da revista *Música Viva*, Mário de Andrade questionava os dogmas do grupo de Koellreutter que pregava a atualização musical através de técnicas composicionais de vanguarda como o dodecafonismo¹⁰, que eram vistas pelos compositores modernistas nacionalistas como antinacionais. Friso ainda que, embora tivessem muitas diferenças em suas essências, as três propostas musicais compartilhavam de algumas ideias similares, como a necessidade de educar os ouvidos, de maneira pedagógica, para uma música de vanguarda que estaria por ser feita.

No quarto capítulo, penúltimo do trabalho aqui apresentado, dei destaque às correspondências trocadas entre o modernista paulista e o musicólogo teuto-uruguaio. Ambos foram grandes missivistas que, através da prática epistolar, criaram uma rede de sociabilidades em

¹⁰ Sistema musical atonal em que os doze semitons são combinados entre si sem restrição.

torno dos seus propósitos musicais. Analisei se e como suas propostas musicais dialogaram nessas cartas à medida que ambos faziam delas uma “escrita de si”.

Encerrei a tese, aqui descrita, com um capítulo dedicado aos estudos acerca da música colonial mineira empreendidos por Francisco Curt Lange na década de 1940. Embora suas pesquisas sobre a música colonial de diversos países latino-americanos fizessem parte dos preceitos do seu Americanismo Musical, no Brasil essa relação foi velada visto que Lange teve seus propósitos americanísticos rechaçados entre os compositores nacionalistas. Enquanto Mário de Andrade esteve vivo, seu pensamento musical formava certa hegemonia entre os compositores brasileiros. O pesquisador teuto-uruguaio, portanto, obteve destaque, ou conseguiu o reconhecimento que sempre almejou no Brasil, direcionando seus esforços a um assunto quase ignorado por Mário de Andrade e pouco explorado por nossa musicologia até então.

Finalmente, no item “Conclusão”, fiz uma comparação ilativa entre os propósitos musicais nacionalistas de Mário de Andrade e o Americanismo Musical de Francisco Curt Lange. Também teci breves considerações finais a respeito das instituições forjadas, no Brasil e no Uruguai, para atender essas duas demandas musicais. Ainda, perpassei, mais uma vez, nas questões acerca da recepção desses dois projetos no cenário cultural vigente no período que esta pesquisa abrange.

Cabe fazer, ainda, uma breve descrição dos locais onde estão alocados a maior parte da documentação utilizada na confecção deste trabalho. O arquivo do modernista paulista, intitulado “Coleção Mário de Andrade”, encontra-se no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), desde 1968.¹¹ Tal acervo, que foi tombado em 1995 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), é constituído por obras literárias que pertenciam à biblioteca pessoal de Mário – cerca de 17 mil volumes –; obras de arte – esculturas populares, religiosas, de artistas modernistas como Victor Brecheret, desenhos, telas e autorretratos pintados por artistas como Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Lasar Segall –;

¹¹ O instituto, concebido pelo professor Sérgio Buarque de Holanda, tinha àquela época seis anos de funcionamento. O acervo de Mário, antes de ser acondicionado no IEB, passou por uma triagem prévia, orientada pelo professor Antônio Cândido. Primeiro, dedicou-se atenção à parte literária desse acervo e, somente nos anos 1980, com a incorporação de outros manuscritos que estavam sob tutela de Oneyda Alvarenga – que morreu em 1984 –, é que a parte musicológica ganhou a devida atenção. Ver: TONI, Flávia Camargo. Acervos musicais: os pioneiros e a situação atual. O musicólogo e colecionador Mário de Andrade. In: ARAÚJO, Samuel; PAZ, Gaspar; CAMBRIA, Vincenzo. *Música em debate: perspectivas interdisciplinares*. RJ: Mauad X; FAPERJ, 2008, p. 59 e 60.

fotografias – registros próprios que fez com a sua “Codaque” (como Mário de Andrade chamava carinhosamente a sua câmera Kodak) durante suas viagens –; discos de música popular e erudita; recortes de jornal; documentos de trabalho e, principalmente, correspondências que trocou ao longo da vida tanto com intelectuais brasileiros e colegas modernistas quanto com pesquisadores estrangeiros, entre eles Francisco Curt Lange. Cabe observar que o arquivo epistolar de Mário de Andrade contempla, em sua maioria, a sua correspondência passiva, ou seja, as cartas recebidas. No entanto, muitas são as publicações que nos últimos anos têm reunido esse material às correspondências ativas (enviadas) por ele a seus destinatários. As cartas trocadas entre Mário e Curt Lange ainda não foram editadas.

O arquivo do pesquisador teuto-uruguaio, por sua vez, pertence hoje à Biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. A universidade mineira passou a custodiar o “Acervo Curt Lange” em 1995, seis anos depois de ter concedido ao pesquisador o título de Doutor Honoris Causa.¹² O Acervo Curt Lange abriga parte da sua biblioteca pessoal e uma coleção de todas as publicações editadas por ele; documentos pessoais e de trabalho; partituras – originais e cópias de manuscritos musicais e partituras publicadas por Lange e por terceiros –; instrumentos musicais de diversas culturas latino-americanas; equipamentos e instrumentos de trabalho; registros audiovisuais – discos de vinil, cds, fitas-cassete, fitas de rolo e de vídeo –; material iconográfico – fotografias, quadros, microfilmes, cartazes e negativos –; e as correspondências que trocou com diversos protagonistas da vida musical, cultural e política dos países do continente. No caso do Brasil, trocou correspondências com Mário de Andrade, Oneyda Alvarenga, Heitor Villa-Lobos, Carlos Drummond de Andrade, Guerra-Peixe, Hans J. Koellreutter, entre outros nomes representativos da cultura brasileira no século XX. O interessante do acervo epistolar de Francisco Curt Lange é que, diferentemente do de Mário de Andrade, nele podemos encontrar tanto a sua correspondência ativa quanto a passiva; pois o pesquisador teuto-uruguaio arquivava as correspondências que enviava em cópias de papel carbono.

Finalizando este texto introdutório à minha pesquisa de doutorado, concerne ressaltar que o maior desejo desse trabalho foi, a partir de uma perspectiva histórico-cultural, contribuir ao

¹² Anos antes, em 1983, o Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, recebeu a coleção de manuscritos musicais brasileiros reunida por Francisco Curt Lange nas décadas de 1940 e 1950 durante as suas pesquisas sobre a música colonial mineira. Lange fez essa “devolução” de partituras, após ser acusado publicamente por musicólogos brasileiros de subtrair patrimônio artístico nacional. Trataremos desse episódio no momento oportuno.

conjunto de reflexões que estão sendo produzidas a respeito das relações entre música, cultura e projetos identitários no Brasil bem como corroborar aos estudos que intentam reconstituir os debates musicais presentes no nosso país nos anos 1930 e 1940, momento importante para quem visa compreender a cultura brasileira. Este período marca, nas palavras de José Miguel Wisnik,

(...) o momento em que a cultura letrada de um país escravocrata tardio enxergou na liberação de suas potencialidades mais obscuras e recalçadas, ligadas secularmente à mestiçagem e à mistura cultural, entremeadas de desejo, violência, abundância e miséria, a possibilidade de afirmar seu destino e de revelar-se através da união do erudito com o popular (WISNIK, 2007, p. 56).

O recorte cronológico que este trabalho abrange marca uma época em que existia uma expectativa de transformação do Brasil, e do continente americano, através da erudição, representada pelos intelectuais comprometidos em orquestrar as forças populares e nativas na busca de uma cultura com características próprias, autônoma em relação às influências externas.

A historiografia brasileira, segundo José Geraldo Vinci de Moraes, pouco tem debatido sobre o papel da música na construção da “cultura nacional” e tampouco tem se preocupado em analisar tanto o universo da criação e da recepção musical quanto os tradicionais conceitos de música erudita e popular. Para ele, é preciso “ultrapassar as tradicionais fronteiras analíticas e aprofundar as discussões da presença crucial da música na nossa cultura”. É necessário que a História saia do seu relativo silêncio, assim como é crucial curar a “surdez” dos historiadores, pois a música mais que um objeto de estudo, é um meio de perceber o mundo (MORAES, 2007, pp. 11-13). Falta a nossa disciplina, dedicar-se à história da música de maneira que haja diálogo com a história intelectual, social, política e cultural. Ao fazê-la, estaremos dando um passo a mais na compreensão da nossa própria sociedade e das suas formas de autorepresentação (NAPOLITANO, 2007, p. 171). Tentei, com minha pesquisa, dar minha colaboração neste sentido.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mario de. Discurso ao programa radiofônico *Hora do Brasil*. In: *Revista do Arquivo Municipal*. (São Paulo: Departamento de Cultura), v. XIX, jan. 1936.

_____. O fonógrafo (24/02/1928). In: TONI, Flávia Camargo. *A música popular brasileira na vitrola de Mário de Andrade*. SP: SENAC, 2004.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade, por ele mesmo*. SP: Edart, 1971.

_____. Contra o Vandalismo e o Extermínio. In: *O Estado de São Paulo*. 07/10/1937; *Revista do Arquivo Municipal*. (São Paulo: Departamento de Cultura), v. XXXVII, julho de 1937.

FERNANDES, Florestan. *O folclore em questão*. SP: Martins Fontes, 2003.

MORAES, José Geraldo Vinci de. Sons e música na oficina da História. In: *Revista de História*. N.º 157, 2º semestre de 2007. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 2007.

MOYA, Fernanda Nunes. *A Discoteca Pública Municipal de São Paulo: um projeto modernista para a música nacional*. SP: Cultura Acadêmica, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. História e Música Popular: um mapa de leituras e questões. In: *Revista de História*. N.º 157, 2º semestre de 2007. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 2007.

PRADO, Fábio. Avenida Nove de Julho. *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo: Departamento de Cultura), v. XIX, 1935.

SANDRONI, Carlos. *Mário de Andrade contra Macunaíma*. SP: Vértice; RJ: IUPERJ, 1988.

TONI, Flávia Camargo. *A música popular brasileira na vitrola de Mário de Andrade*. SP: SENAC, 2004.

TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos. Arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Barók*. RJ: Funarte, Jorge Zahar, 1997.

WISNIK, José Miguel. Entre o erudito e o popular. In: *Revista de História*. N.º 157, 2º semestre de 2007. SP: Humanitas/FFLCH/USP, 2007.



Artigo recebido para publicação em 20 de novembro de 2015

Aprovado para publicação em 20 de dezembro de 2015

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

MOYA, Fernanda Nunes. Diálogos Entre Mário De Andrade E Francisco Curt Lange: Nacionalismo E Americanismo Musicais Nas Décadas De 1930 E 1940. (Dossiê Estética de resistência no pós-1964). *Revista Temporis [Ação]* (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 15, n. 02, p. 17-28 de 207, jul./dez., 2015. Disponível em:

<<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>> Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >